

Impacto na inflação deverá ser pequeno

CARLOS FRANCO

O impacto das medidas anunciadas ontem pelo governo nos índices de inflação, inclusive o aumento médio de 5% nos preços de gasolina, gás de cozinha e óleo diesel, não deverá representar sequer um ponto percentual a mais no acumulado do ano. As previsões são dos economistas Heron do Carmo, coordenador dos indicadores da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (Fipe) da Universidade de

São Paulo, e Paulo Sidney Cotta, coordenador dos indicadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que arriscam um impacto de apenas 0,5% no ano.

“O efeito é realmente pequeno, precisamente de 0,24% percentual por conta da gasolina no Índice de Preços ao Consumidor (IPC) de São Paulo e de 0,03% ponto percentual em função da alta nos preços do gás de cozinha”, afirma Heron do Carmo. De qualquer forma, prossegue o economista, o índice de novembro de saída já é de 0,27%, bem acima dos 0,22% de outubro. “Mas é preciso olhar a tendência da inflação, que é de queda, e não foi alterada. Medidas como a elevação dos juros forçam a preços mais baixos para pagamento a vista”, analisa.

Os cálculos que o coordenador da Fipe fez ontem indicam que, no acumulado do ano, a in-

flação deverá ficar entre 4% e 4,5% pelo IPC-São Paulo, cerca de 0,5 ponto percentual acima das projeções anteriores. “Mas isso é decorrente basicamente do salto que o índice vai ter este mês”, explica Heron do Carmo.

Já Paulo Sidney Cotta prevê uma inflação acumulada pelo IPC da FGV entre 6% e 6,5%, cerca de 0,5 ponto percentual acima das projeções anteriores. “O impacto da alta de gasolina e gás de cozinha, nos nossos cálculos, será de aproximadamente 0,17% em 30 dias, ou seja, cerca 0,11% este mês e outros 0,6% no mês de dezembro”, afirma. Trata-se de um impacto pequeno, diz o coordenador da FGV, porque “não houve alteração nas alíquotas de importação, que têm garantido competitividade de preços internos, ao que se soma a decisão de elevar os juros, que reduz vendas a crédito”.